

MATOS, Junot Cornélio. A formação pedagógica dos professores de filosofia. Um debate, muitas vozes. São Paulo: Loyola, 2013.

Magda Guadalupe dos Santos*

Sérgio Murilo Rodrigues*

O conjunto de temas tratados sob este título compõe o livro de Junot Cornélio Matos, Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), recém-lançado pelas Edições Loyola. O subtítulo traz à tona a dimensão dialógica que perpassa o livro, cujos objetivos são: relatar, descrever, analisar e ponderar sobre a delicadeza do ensino da filosofia. O autor considera sua trajetória de vida, retomando pontos breves de sua própria formação, para pontuar em detalhes o valor da formação alheia e, em especial, da formação de professores de filosofia. Na verdade, institui-se uma relação especular, que revoa as intenções mnemônicas do eu e as necessidades objetivas do outro, num movimento pedagógico de lembrar para poder transformar o que se vivenciou ou o que não se pôde alcançar no passado, visando, pois, ao futuro como educador. Surgem nesse encontro algumas críticas e definições da escola, tais como “a escola como um concreto onde se dão diferenciadas práticas sociais que interiorizam atitudes, formas de conduta e aceitação das relações sociais imperantes” (MATOS, 2013, p.22), ou os lemas de Paulo Freire, que provocam a participação do aluno, realçando o valor de sua mobilidade no interior da escola, e como as complexas relações em sala de aula “envolvem relações sociais, políticas e também epistemológicas do próprio saber que está lá” (MATOS, 2013, p.26). Dessa relação de reflexões o perfil do professor vai sendo dialeticamente recriado, por um viés político, ideológico, histórico e de acordo com sua prática pedagógica (MATOS, 2013, p.27).

É interessante encontrar no livro passagens que ressoam próximas à obra prima de Werner Jaeger, *Paideia*, escrita e publicada na Alemanha ainda nos tempos sombrios e difíceis de imposição ideológica do Nazismo e, finalmente, também na Inglaterra, lugar de

* Os autores resenhistas são ambos professores do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa da PUCMINAS.

asilo de seu autor em 1943. Se Jaeger, por um lado, queria demonstrar a interação entre a formação do homem grego na Antiguidade e o processo histórico e espiritual de formação do ideal de humanidade, também soube demonstrar o valor da educação como algo que deve respeitar o passado para olhar de frente o presente e o futuro. Se *Paideia, a formação do homem grego*, se integra nas bases de leitura de todo professor e estudioso de filosofia, também a obra de Junot C. Matos oferece uma reflexão séria sobre a visão de mundo da atualidade e sobre o papel de homens e mulheres, integrados numa sociedade, que devem ser formados por todos nós, professores de filosofia.

Mas “formar para quê?” Indaga o autor (MATOS, 2013, p.29). Afinal, a dimensão crítica e de cidadania deveria ser anterior à possibilidade de alguém ser um bom professor, ou antes uma condição de sua possibilidade. No empenho de responder a essa e a tantas outras questões, as indagações e análises percorrem os fios da história, as determinações da LDB, as exigências normativas, o perfil determinado e inacabado do ser humano, bem como, logicamente, do professor de filosofia, sem rédeas fixas ou perfil de um pronto acabamento. Se teoria e prática são tomadas constantemente como faces distintas de uma mesma moeda, Matos entende estar na hora de reformular tal conceito e entendimento. Formação e avaliação não são dados pontuais, mas um movimento contínuo e de porte social. As avaliações podem ser formas autoritárias de controle e a evasão da escola permanece uma constante social em nosso país. Investigar as lógicas possíveis do sistema e aplicá-las em sala de aula é mesmo um desafio da formação do professor e do aluno.

A avaliação enquanto um processo formativo no interior da escola é algo sobre o qual a reflexão filosófica deve se dirigir e é justamente o que propõe Matos (2013, p.57ss.). Não se trata, a seu sentir, de questionar apenas as responsabilidades, já que uma análise crítica da prática docente, no que diz respeito à avaliação, “não deveria tratar apenas do ‘perfil’ antidemocrático e autoritário do professor/professora”, assim como “a confusa desarticulação entre teoria e prática não resulta unicamente de sua deficiente formação pedagógica” (MATOS, 2013, p.58). Trata-se de algo bem mais complexo e que envolve critérios para avaliar, critérios sobre o rendimento escolar, novos parâmetros de avaliação e, sobretudo, clareza e cuidados com os resultados. Publicar em salas de aula ou nas escolas quem são “os dez mais”, com as melhores notas, é desconsiderar que há também os “dez menos”, sentados nas últimas fileiras. Seriam aqueles meros atuantes como platéia?

Deveriam permanecer alguns sempre no anonimato? São realmente eles os denominados “alunos-problema”? (MATOS, 2013, p.59-60). Se a avaliação fosse tomada como possibilidade de novos aperfeiçoamentos, pensa o autor, novas formas de aproveitamento, inclusive, para toda a “comunidade educativa” poderiam ser empreendidas e, claro, um trabalho pedagógico mais complexo poderia ser melhor equacionado (MATOS, 2013, p.60).

Para buscar novas respostas, o autor investiga, na nossa história, os cursos de filosofia, os professores de filosofia, os sujeitos da história, as leis que construíram as vertentes interpretativas dessa mesma história, para chegar às várias vozes de entrevistados que dão vida concreta e, pois, dotada de plena historicidade à pesquisa e à obra enquanto o seu resultado. A relação entre professor e aluno (MATOS, 2013, p.107), que varia do sentido de uma parceria, “um parceiro no esforço de estar estudando temas” (MATOS, 2013, p.108), de “convidados numa investigação” (MATOS, 2013, p.109), de “construtor de novos conhecimentos” (MATOS, 2013, p.110) ou ainda de alunos tratados, sobretudo, como “seres humanos concretos que conseguem realizar o salto da função para a pessoa” (MATOS, 2013, p.112), eis alguns dos exemplos trazidos à tona das enquetes neste livro. De fato, as pesquisas trazem várias vozes e distintas perspectivas, mas os resultados obtidos levam o autor a vislumbrar algo bastante especial: “como ser educador nessa tarefa na qual também somos para sempre aprendizes?” (MATOS, 2013, p.114) Essa questão leva a um autoquestionamento de nossas próprias medidas e possibilidades, de nossas capacidades e autoconstrução continuada, enfim, de nossa intrínseca e perene responsabilidade para com a educação. Afinal, menciona o autor, “o trabalho desenvolvido visando à formação pedagógica de professores de filosofia deve ter em conta os problemas concretos que se colocam aos homens de nosso tempo” (MATOS, 2013, p.196-197).

Nesse momento, temos que dar razão aos velhos mestres, pensar que Marx teve seu acerto ao apontar a perversão do economicismo, que os frankfurtianos tiveram também o seu acerto ao indicarem a instrumentalização do homem e sua fragmentação social, que os existencialistas tiveram seus momentos de lucidez ao escreverem sobre a relevância do contexto e da situação existencial. Todos eles, de uma forma ou de outra, apontavam para a filosofia como uma construção de sentidos, tomando questões antropológicas e éticas como pontos de relevo. No final da leitura desse belo livro, não se pode deixar de retomar os

apontamentos do grande Paul Ricoeur e verificar, em sua obra *O si-mesmo como um outro*, que falsas promessas não deveriam ser feitas a outrem (RICOEUR, 1991, p. 310) e os deveres referentes à integridade da pessoa humana deveriam sempre ser levados em consideração. O dano feito a outrem ao qual se refere Ricoeur não poderia ser tomado como algo distinto do dano feito a mim próprio ou própria. Afinal, promessas e reciprocidade, dissimetria e efeitos de violência são modulações humanas de formas de tratar o outro como meio, no uso da linguagem e da interlocução, que nos remetem a atos de discurso e a formas de educação.

Para terminar, vale lembrar que Ricoeur afirma haver um problema moral nas promessas como ato de discurso (RICOEUR, 1991, p.311). Ora a escola e suas promessas de construção e edificação de um futuro melhor não podem ser desconsideradas das reflexões filosóficas. A formação do professor de filosofia não deve estar distanciada da confiança mútua de quem promete e daquele que se compele a acreditar nas promessas feitas. A escola é o lugar de promessas e de realizações, mas é também, lamentavelmente, o lugar de várias frustrações. Professores e alunos dialogam sobre tais promessas em que regras de justiça deveriam sempre se apresentar como válidas e decisórias. Toda a significação moral que a escola propicia a alunos e professores faz ressaltar como a filosofia precisa ser continuamente repensada em sala de aula e do lado de fora dos muros das escolas. Se o livro *A formação pedagógica dos professores de filosofia*, de Junot Cornélio Matos nos remete à *Paideia* de Jaeger e a *O Si-mesmo como um outro* de Ricoeur, é porque certamente seu projeto de leitura foi delineado como uma verdadeira interlocução histórica e temática, com competência e zelo.

Não se pode deixar de dar crédito ao autor em seu augúrio, que nos lembra novas leituras hegelianas, de que o ensino de filosofia poderia mesmo provocar “a manifestação do desejo de sabermos sempre mais para mais interagirmos com o tempo que chamamos ‘hoje’” (MATOS, 2013, p.197). Que novos processos de racionalização e de subjetivação, de reconhecimento e de bom senso, possam ser trazidos para as salas de aula e que a filosofia seja o traço primordial dessa dimensão dialógica entre professores e alunos que se reconstroem ao longo das próprias histórias e da história de um povo..